



“A LIBERDADE É DOCE COMO... AÇÚCAR”: PROPOSTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DO RELATO NA OBRA DE MARY PRINCE.

"Freedom is Sweet as... Sugar": Proposals for Teaching History Based on Mary Prince's Narrative

Leonardo Ryon Alves dos SANTOS¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Juliane de Miranda SOUZA²
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Thamires Gabriele Santos da SILVA³
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Marcelia PROTAZIO⁴
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Antonia Bianca Sousa GONDIM⁵
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O artigo analisa a utilização do livro “A História de Mary Prince – Uma Escrava das Índias Ocidentais” como ferramenta pedagógica para o ensino de História. O objetivo é abordar a escravidão, a resistência e as diversas formas de violência contra pessoas

¹Graduando em Licenciatura em História; Universidade Federal do Pará; Belém, Pará. E-mail: leonardoryon88@gmail.com.

²Graduanda em Licenciatura em História; bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC); Universidade Federal do Pará; Belém, Pará. E-mail: mirandaajulianne@gmail.com

³Graduanda em Licenciatura em História (Universidade Federal do Pará), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de História, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX); Universidade Federal do Pará; Belém, Pará. E-mail: thamiresgabrielasilva23@gmail.com

⁴Graduanda em Licenciatura em História; bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CNPQ); Universidade Federal do Pará; Belém, Pará. E-mail: protaziomarcelia@gmail.com

⁵Graduanda em Licenciatura em História; bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PROEX); Universidade Federal do Pará; Belém, Pará. E-mail: antonia.gondim@ifch.ufpa.br



escravizadas. A pesquisa, de método qualitativo, faz uso da pesquisa bibliográfica documental e da análise documental da obra específica, para desenvolver propostas de ensino para o ensino fundamental e médio. Destacam a relevância do livro como ferramenta para a compreensão do período escravista e para a promoção de um currículo inclusivo, em conformidade com a Lei 10.639/2003. Conclui-se que a obra contribui para práticas pedagógicas mais representativas e que valorizem a história e a cultura afro-brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Mary Prince; Literatura.

ABSTRACT: The article analyzes the use of the book “The Story of Mary Prince – A Slave of the West Indies” as a pedagogical tool for teaching History. The objective is to address slavery, resistance and various forms of violence against enslaved people. The research, using a qualitative method, makes use of bibliographical documentary research and documentary analysis of the specific work, to develop didactic proposals for elementary and secondary education. They highlight the relevance of the book as a tool for understanding the slavery period and promoting an inclusive curriculum, in accordance with Law 10,639/2003. It is concluded that “The Story of Mary Prince – A Slave from the West Indies” contributes to more representative pedagogical practices that value Afro-Brazilian history and culture.

KEYWORDS: History Teaching; Mary Prince; Literature.

INTRODUÇÃO

Os docentes de História que atuam na educação básica brasileira enfrentam desafios significativos relacionados às condições materiais de sua prática pedagógica. De acordo com Cavalcanti (2021), devido às carências amplamente presentes no território nacional, o livro didático é frequentemente um dos poucos recursos disponíveis para professores e professoras. Para ampliar as possibilidades de acesso a materiais pedagógicos, o Ministério da Educação (MEC) implementa iniciativas como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), sendo um de seus desdobramentos o chamado “PNLD/Literário”. Em 2024, essa parte do programa incluiu a distribuição de obras literárias destinadas aos anos finais do ensino fundamental, com o objetivo de diversificar os recursos educacionais e com o Decreto nº 12.021, de maio de 2024, ocorre um processo de expansão para também abastecer bibliotecas públicas e comunitárias em todo o território nacional (Brasil, 2024).

No curso de licenciatura em História da Universidade Federal do Pará, Campus Guamá, a disciplina Prática Curricular Continuada V - Ensino de História e Linguagens: Literatura e Mídias, ministrada em 2024 pela professora doutoranda Lívia Lariça Silva Forte Maia, propôs reflexões sobre o uso desses materiais no ensino de História. Entre



os principais objetivos da disciplina estavam a busca, leitura, análise e interpretação de livros paradidáticos, indicados pelo MEC, que dialogassem diretamente com a literatura disponibilizada para docentes e bibliotecas escolares paraenses (Maia, 2024).

Para tanto, as reflexões construídas no âmbito disciplinar são aqui apresentadas e levaram em conta o contexto educacional do Pará, um estado que apresenta baixos índices de escolaridade e avaliação educacional na região amazônica, refletindo em um baixo índice de desenvolvimento humano (IDH) e em significativas desigualdades sociais (Maia, 2024). Nesse cenário, foram elaboradas duas estratégias didáticas para o uso de livros paradidáticos como fontes histórico-literárias em sala de aula: uma voltada ao ensino fundamental (anos finais) e outra ao ensino médio. Além de tais medidas se inserirem em esforço capaz de poder contribuir para o campo do ensino de História, essas propostas também buscaram desenvolver o letramento e fomentar o gosto pela leitura, especialmente em uma geração acostumada com informações imediatas e condensadas, onde a leitura de livros não é um hábito consolidado (Di Nucci, 2002).

A obra selecionada para o presente estudo foi “A História de Mary Prince: Uma Escrava das Índias Ocidentais”, integrante do PNLD Literário 2024-2025. A escolha considerou suas amplas possibilidades pedagógicas, bem como sua consonância com a Lei Federal 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que busca estruturar e implementar um currículo mais inclusivo e representativo, valorizando a história e a cultura africana e afro-brasileira (Brasil, 2003). Outrossim, além do cumprimento de exigências legais, é preciso considerar a relevância assumida pelo ensino de História, que desempenha um papel essencial ao permitir que os estudantes reflitam sobre o presente por meio do estudo do passado, favorecendo o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica que os capacite a compreender a vida contemporânea em uma perspectiva temporal ampliada (Bittencourt, 2008).

E ao conhecer as narrativas históricas de diferentes grupos sociais, como é o caso de Mary, os alunos têm a oportunidade de refletir a partir dessas múltiplas histórias constituída por diversos sujeitos, o que é essencial para o desenvolvimento de uma consciência cidadã (Lucini, 2018). Tal operação se relaciona com a educação e cidadania de maneira profunda, sendo preciso enfatizar que o ensino de História é crucial na formação de cidadãos conscientes, engajados, respeitadores e promotores de



direitos humanos (Lucini, 2018). Os processos educacionais, especialmente no contexto do ensino de História, devem ir além da simples transmissão de conhecimentos. Nesse contexto, o objetivo deste artigo não é ensinar aos professores, sejam eles já atuantes ou futuros profissionais, como ministrar uma aula, mas sim apresentar novas possibilidades para expandir o repertório pedagógico, utilizando a literatura como ferramenta para explorar caminhos alternativos no ensino de história. Para isso, foram desenvolvidas duas propostas de intervenção pedagógica para o ensino básico utilizando a autobiografia de Mary Prince em uma interseção entre história e literatura.

O artigo está organizado em seis seções. A introdução apresenta os objetivos do estudo e a discussão central que orienta o texto. A segunda seção descreve a metodologia adotada no desenvolvimento do estudo. A terceira seção é dedicada à contextualização geral da obra "A História de Mary Prince". A quarta seção detalha uma proposta pedagógica direcionada ao ensino fundamental, enquanto a sexta seção explora estratégias específicas para o ensino médio. Por fim, a sexta seção apresenta as conclusões e reflexões finais, sintetizando as ideias discutidas ao longo do artigo e os caminhos pedagógicos propostos.

1. Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, adotou-se uma abordagem qualitativa, considerando o contexto amplo e complexo da pesquisa, não podendo assumir um caráter reducionista ou generalista (Mazzotti; Gewandsznajder, 1999). Entre os métodos empregados, destaca-se a pesquisa documental, com foco na análise de bibliografia relacionada ao ensino de história e literatura, e historiografia sobre Mary Prince enquanto sujeito histórico que de fato existiu. Essas técnicas forneceram uma base teórica, que possibilitou uma organização criteriosa e interpretação crítica dos dados analisados (Galvão, 2010). Adicionalmente, foi realizada uma análise detalhada da obra autobiográfica de Mary Prince enquanto fonte de caráter histórico, uma vez que foi produzida e publicada em período contemporâneo a autora. O uso deste recurso, revelou aspectos sobre o tema investigado, complementando as informações obtidas (Lüdke; André, 1986).



A análise contextualizada da obra foi fundamental para compreender suas intenções e significados, reconhecendo que ela reflete os interesses da autora e constitui uma ferramenta investigativa valiosa (Bacellar, 2008), especialmente por se tratar de uma obra escrita por uma escravizada o que mostra a especificidade e a riqueza que a obra representa uma vez que grande maioria do que sabemos acerca da escravidão é a partir de documentos do colonizador ou do Estado. Estes, obviamente, possuem seu valor histórico para entender esse sistema social, econômico e cultural, no entanto o livro escrito por Mary Prince é como olhar o passado por meio de uma história vista de baixo, ou seja, dos marginalizados, pois é possível ouvir sua voz ecoar em cada página e entender o contexto, os sentimentos e percepções de uma escravizada sobre a escravidão.

A perspectiva adotada neste trabalho se insere na micro-história inspirada nas produções de Carlo Ginzburg (1987; 2007) que estudou trajetórias individuais para compreender o contexto histórico onde o sujeito histórico estava localizado. Por isso, Ginzburg (1987) é um dos principais representantes da micro-história, uma metodologia que busca compreender fenômenos históricos a partir de eventos ou personagens específicos, muitas vezes negligenciados pelas grandes narrativas. Assim, depreende-se que a micro-história é uma metodologia que foca em eventos, fenômenos ou experiências aparentemente pequenas ou locais, mas que, ao serem profundamente analisados, revelam conexões e dinâmicas mais amplas da sociedade (Ginzburg, 2007).

Essa escolha metodológica é justificada quando se compreende que Ginzburg (1987) utilizou a história de Menocchio como um exemplo de uma forma de analisar a vida de indivíduos aparentemente irrelevantes para a história oficial, mas cujas experiências podem revelar muito sobre as estruturas do período. Ao examinar o caso de Menocchio, Ginzburg utiliza fontes que não são tradicionalmente vistas como fontes históricas importantes, como registros de processos inquisitoriais, evidências literárias e culturais populares, e interpretações pessoais. Inspirados em seu trabalho, defende-se que é possível construir uma narrativa histórica a partir de fontes "marginais" como a tratada neste trabalho.

Nesse viés, a proposta é que por meio do livro “A História de Mary Prince: Uma Escrava das Índias Ocidentais” se possa realizar um jogo de escalas entre a os



fatos históricos micro e o macro, sendo o primeiro representado pela vivência pessoal individualizada de Mary Prince enquanto escravizada no Caribe (Bermudas e Ilhas Turcas) correlacionando com o contexto geral em que ela estava inserida (comércio transatlântico de escravizados e posteriormente com o movimento abolicionista na Inglaterra). Ao investigar um "indivíduo comum" como Mary, nota-se que sua vida revela muito sobre as estruturas de poder e econômica bem como a mentalidade - escravista - de uma época.

Doravante, este trabalho se insere na proposta temática de *história encarnada* que de modo geral, a ideia de "encarnar" se refere a dar corpo ou vida a algo, a tornar algo abstrato em algo concreto e palpável. Portanto, "história encarnada" se trata de uma narrativa histórica que ganha forma através de personagens, lugares e eventos reais, ou também uma história que se reflete na experiência vivida pelas pessoas. Para Steedman (1992) a história individual e a memória não são apenas narrativas lineares de eventos, mas processos em que os corpos e as emoções das pessoas são protagonistas na construção da história. Neste contexto, considera-se que a história não é apenas uma série de eventos passados, mas algo que está presente nas vidas dos indivíduos e nas suas histórias pessoais. Isso pode ser visto na obra de Mary onde seus relatos de vida, memórias e histórias familiares mostram como a "grande história" se torna visível nas pequenas narrativas pessoais. Assim como, essa concepção pode ser aplicada aos discentes do ensino básico essa perspectiva de que os relatos e vivências pessoais também são História, isso ajuda a aproximar o conteúdo aos alunos ao mostrar que eles também são sujeitos históricos. Infere-se que a história não é estática, mas é algo que se desdobra ativamente, com seres humanos agindo e reagindo a eventos históricos. Ou seja, a história "encarnada" está em constante transformação, à medida que indivíduos e grupos moldam e são moldados pelos acontecimentos históricos.

Essa história contada através de personagens é particularmente importante quando se busca a sensibilização e a aproximação de fatos históricos a um público, no caso crianças e adolescentes nos ambientes educacionais. A "história encarnada" foi escolhida para que os eventos históricos sejam trazidos à vida através de personagens, neste caso, a história ganha um "corpo" humano através das experiências e emoções da personagem, tornando-se mais acessível para o público. Nesse sentido, segundo



Steedman (1992) a história não é apenas como algo que se passa em grandes eventos, mas como algo que é vivido no cotidiano, no corpo e na memória pessoal. A história se vê encarnada no relato autobiográfico de Mary Prince que demonstra, a partir das reflexões de Smith e Watson (2001), a possibilidade da história ser contada por meio das autobiografias pois estas envolvem o corpo, as emoções e as experiências subjetivas do narrador, refletindo como o indivíduo vivencia e constrói a memória pessoal. Além disso, é preciso salientar que o trabalho biográfico de Mary Prince deve ser entendido como uma produção humana sujeita ao processo da memória, as quais são filtradas por processos de seleção e interpretação cujas narrativas individuais dialogam com as histórias coletivas (Smith, Watson, 2001). Assim, o ato de contar a própria história é profundamente influenciado pelas experiências emocionais e físicas, mostrando que o corpo e as vivências diárias são fundamentais para a construção da memória pessoal.

2. Os escritos de uma escravizada

A história de Mary Prince é um testemunho essencial para o ensino sobre escravidão moderna, destacando experiências de opressão, resistência e solidariedade entre os escravizados. Publicada em 1831, sua obra é reconhecida como o primeiro relato autobiográfico de uma mulher negra sobre a escravidão nas Índias Ocidentais, consolidando-se como um registro histórico e literário de grande relevância, ao evidenciar as crueldades do sistema escravocrata e dos laços de solidariedade em meio à desumanização.

Com 84 páginas, o livro é organizado em momentos que refletem os acontecimentos vividos pela autora. Ele faz uso frequente de figuras visuais para representar os eventos narrados, sendo a história contada em primeira pessoa. O leitor é inicialmente introduzido ao contexto geral da vida de Mary, nascida em 1788, em Brackish-Pond, Bermudas, em uma fazenda de propriedade de Charles Myners. Sua mãe, mucama, e seu pai, carpinteiro, ambos escravizados, viviam sob o jugo da exploração. Ainda criança, Mary presenciou a morte de Myners, que resultou na divisão de bens, incluindo os escravizados, entre os herdeiros. Nesse processo, Mary e sua mãe



foram adquiridas pelo capitão Darrel e, posteriormente, dadas como presente à neta dele, Betsy Williams.

Esse período da vida de Mary, relatado como seu primeiro momento de memória, revela a complexidade das relações escravistas. Betsy, de mesma idade, tratava-a com aparente gentileza, chamando-a de "sua negrinha" e conduzindo-a como se fosse um "bicho de estimação". Embora essa relação sugerisse proximidade, reforçava a lógica da desumanização. Mary descreve essa fase como a mais feliz de sua vida, não pela ausência de sofrimento, mas pela inocência infantil, que a impedia de compreender plenamente sua condição e antecipar os sofrimentos futuros.

A narrativa avança quando dificuldades financeiras levaram Mary a ser alugada para a Sra. Pruden, separando-a de sua família. Durante o período na casa de Pruden, Mary trabalhou como babá e foi relativamente bem tratada, sofrendo apenas uma punição física. Um raro momento de alívio em sua vida foi o aprendizado do alfabeto e de algumas palavras com uma das filhas da Sra. Pruden. Esse aprendizado, embora simples, representou um vislumbre de esperança e autonomia em meio à adversidade, marcando um ponto significativo no relato de Mary Prince.

O segundo momento da obra inicia quando Mary passa pela experiência traumática de ser colocada à venda⁶, descrita como uma das experiências mais humilhantes de sua vida. No mercado local, ela foi tratada como mercadoria, despida de dignidade, com os braços cruzados e sem blusa, enquanto era examinada pelos compradores. A desumanização era evidente, e Mary reflete que, embora nem todos os brancos fossem cruéis, a escravidão endurecia seus corações, tornando-os insensíveis ao sofrimento dos negros.

A venda trouxe consequências devastadoras para Mary e sua família, com suas irmãs sendo separadas e enviadas para diferentes destinos, rompendo os laços afetivos. Mary foi comprada por um homem identificado apenas como Capitão I, marcando o início de um período ainda mais opressivo em sua vida. Na nova casa, Mary enfrentou violência constante e trabalho extenuante. Sob punições frequentes, realizava tarefas que a exauriram física e emocionalmente, enquanto presenciava atos brutais contra outros escravizados. O trabalho era tão desumanizador que, em um momento de

⁶ Com a morte da senhora Williams, Mary foi devolvida à família e colocada à venda.



desespero, Mary fugiu para a casa de sua mãe. Contudo, foi devolvida ao seu senhor por seu próprio pai, um ato que lhe rendeu ainda mais punições severas.

O terceiro momento de seus escritos inicia-se após cinco anos, no qual Mary é enviada à Ilha de Turcos, onde viveu sob a autoridade de um novo senhor, conhecido como sinhô D. Lá, ela foi forçada a trabalhar nas salinas, um ambiente brutal. Expunha-se ao sol escaldante e ao contato contínuo com o sal, que corroía sua pele e formava bolhas dolorosas em seu corpo. Mary descreveu o trabalho como uma verdadeira tortura, agravada pela alimentação insuficiente e pela intensidade das tarefas.

Além do sofrimento físico, Mary testemunhou a crueldade extrema do sistema escravocrata, presenciando torturas e assassinatos de outros escravizados. A constante ameaça de violência permeava sua existência, reforçando a desumanidade do regime ao qual ela e outros eram submetidos. Ela permaneceu por dez anos trabalhando nas salinas da Ilha de Turcos, submetida a condições degradantes e uma rotina exaustiva. Quando seu senhor decidiu se aposentar, retornou às Bermudas, levando Mary para servir às suas filhas. Mesmo longe das salinas, Mary continuou sendo vítima da crueldade do sinhô D. Durante uma das surras que sofreu, Mary se defendeu, o que levou o senhor a decidir vendê-la. Na esperança de uma vida menos sofrida, ela pediu para ser comprada pelo sinhô Wood, acreditando que encontraria melhores condições.

A mudança para outro sinhô é o marco do quarto momento da narrativa, sendo acompanhado pelo agravamento de sua saúde devido ao reumatismo, que a impossibilitou de trabalhar e levou seus senhores a abandoná-la em um casebre. Ela sobreviveu graças à ajuda de outros escravizados e pessoas solidárias. Mary tentou negociar sua libertação realizando trabalhos alternativos e vendendo alimentos, mas o sinhô Wood recusou-se a vendê-la ou permitir que ela comprasse sua alforria.

Nesse período, encontrou refúgio na religião metodista e na igreja Moraviana, onde recebeu apoio espiritual, aprendeu a ler e conheceu Daniel James, um homem negro que havia comprado sua alforria e com quem se casou. O casamento resultou em represálias violentas por parte de seus senhores. Posteriormente, a família Wood decidiu viajar para a Inglaterra, enquanto Mary enfrentava o agravamento de seu reumatismo, dificultando suas tarefas domésticas.



A saída das Índias Ocidentais marca o momento final da obra, na Inglaterra, a situação de Mary se agravou ainda mais, com ela sendo expulsa de casa em diversas ocasiões. No entanto, encontrou ajuda entre missionários, que a acolheram e a receberam em sua casa. Durante o tempo em que viveu com os missionários, Mary foi bem cuidada e teve contato com a Sociedade Antiescravidão. Ela procurou informações sobre sua alforria e sobre como retornar às Índias Ocidentais, mas, ao se consultar com um advogado, foi informada de que as leis da Inglaterra não tinham poder para conceder-lhe liberdade em Antígua.

Apesar de ser livre de acordo com as leis inglesas, Mary não desejava depender de ninguém e preferia trabalhar por conta própria. Ela não poderia retornar à sua terra natal, então, começou a trabalhar para o Sr. e a Sra. Pringle. Mary menciona que a senhora da casa a ensinou a palavra de Deus, e a única coisa que lamentava era a distância de sua terra, de seu marido e de seus conhecidos. A data de morte de Mary Prince permanece desconhecida, assim como o tempo exato que ela passou na Inglaterra. Também não se sabe se ela algum dia conseguiu retornar às Índias Ocidentais como uma mulher livre.

Portanto, podemos compreender que os relatos de uma escravizada, se configura como uma grande potência para a compreensão da história da escravidão e do movimento abolicionista, pois ao possibilita que sujeitos escravizados ganhem “voz” em uma história que frequentemente os silencia. A obra de Mary Prince é uma ferramenta essencial para estudar os impactos da escravidão, tanto sobre os escravizados quanto sobre os próprios opressores, oferecendo uma perspectiva única sobre os efeitos profundos e duradouros desse sistema.

3. Proposta para o Ensino Fundamental: A escravidão moderna

A fundamentação curricular desta proposta parte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018. Assim sendo, propõe-se abordar os aspectos da escravidão moderna, com foco nas "Rotas Negras" e no tráfico transatlântico de escravizados (Bezerra Neto, 2001). De modo suplementar, foram concebidas atividades como debates em grupo e análise de mapas históricos que permitem aos estudantes uma compreensão



mais ampla das dinâmicas sociais e econômicas do período (Libâneo, 1994). A partir das diretrizes da BNCC, foi possível estabelecer objetivos e metodologias que articulem a narrativa de Mary Prince aos processos de ensino-aprendizagem da história pensados para alunos do 7º ano do Ensino Fundamental.

O objetivo da proposta consiste em identificar e contextualizar o conceito de escravidão moderna, seus mecanismos e dinâmicas de comércio, a partir do relato autobiográfico de Mary Prince. Para isso, foi ancorado na habilidade (EF07HI15), que visa discutir com os alunos a exploração contemporânea, diferenciando-a da escravidão antiga e medieval (Brasil, 2018). Já do ponto de vista metodológico, a abordagem se baseou na leitura e análise de trechos selecionados da obra, que permitissem após a análise, caracterizar a escravidão moderna. A narrativa de Mary Prince permite destacar as dinâmicas do comércio de escravizados, ao retratar a trajetória da protagonista, constantemente exposta às relações comerciais do tráfico. Esse fluxo migratório a obriga a se afastar de sua família, composta pela mãe e irmãs, e a estabelecer novas redes de apoio a cada novo local de trabalho forçado.

Orquestrados pelos objetivos propostos para os anos finais do ensino fundamental expressos no documento da área de História dos Parâmetros Curriculares Nacionais, foi possível identificar a possibilidade de utilização do relato autobiográfico de Mary afim de auxiliar no processo de desenvolvimento de competências e habilidades em sala de aula, tais como: reconhecer semelhanças, diferenças, mudanças e permanências, conflitos e contradições sociais entre diversos contextos históricos, habilidades que alocam o objetivo da aula em traçar paralelos entre as vivências da personagem da obra literária e a escravidão na Amazônia. Tendo em mente que a utilização da obra como fonte de análise do período escravista rompe com um ensino tradicional pautado na memorização, na aquisição quantitativa e cumulativa de informações vigentes no ensino de História (Cavalcanti, 2021). Abrindo possibilidade de um ensino que concede espaço histórico para o agente negro, como no caso de Mary Prince que relatou sua história por meio de seu relato autobiográfico, indo em contramão com o ensino escolar de história que heroiciza o homem branco, colonizador e conquistador (Coelho, 2017).



A partir dessa possibilidade pedagógica possibilitada pelo relato de Mary Prince, a abordagem apresentada buscou, no momento inicial, centrar-se na identificação e na contextualização do conceito macro de escravidão moderna por meio da seleção pontual de trechos da obra que viabilizam esse entendimento. Para alcançar esse objetivo, será realizado um breve levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema que será estudado, considerando que os já tiveram contato com o conteúdo de escravidão na antiguidade clássica em anos anteriores, a abordagem será aplicada justamente para realizar uma anamnese para relembrar e estimular a memória dos alunos em torno do conceito clássico de escravidão. Nessa oportunidade, a problematização dos trechos do livro será aplicada como forma de introduzir o conceito moderno de escravidão, unificando e aprofundando esse conceito a partir dos diferentes períodos históricos mencionados envolvidos na roupagem da compreensão das relações de trabalho, como expresso no trecho em tela:

Por fim, o leiloeiro, que nos colocaria à venda como ovelhas ou gado, chegou e perguntou à minha mãe quem era a mais velha. Ela não disse nada, só apontou pra mim. Então o leiloeiro me pegou pela mão, me levou até o meio da rua e me virando lentamente, me expôs pros presentes ao leilão. Fui logo rodeada por homens esquisitos, que me examinaram e me agarraram da mesma forma que um açougueiro faz com um bezerro ou um cordeiro que ele esteja querendo comprar. Falaram sobre minhas formas e meu tamanho com palavras conhecidas, como se eu não pudesse entender os significados delas mais que um animal de carga entenderia. Fui, então, colocada à venda[...] Foi então que vi minhas irmãs serem apresentadas e vendidas a donos diferentes. Assim não tivemos a satisfação de sermos parceiras de escravidão. (Prince, 2021, p. 16-17)

Será abordado também a importância do relato de Mary Prince enquanto fonte de natureza histórica que dá voz para o cotidiano de homens e mulheres cativos, pois o próprio gênero autobiográfico da obra permite que o leitor identifique a descrição dos maus-tratos vivenciados pela autora e reflexões em torno da escravidão e liberdade, ao mesmo tempo em que possibilita que o docente problematize o escrito, pois a personagem se comporta e se comunica com certa subserviência e resignação enquanto sua condição de escravizada ao longo de grande parte da história, aspecto que fomenta a visão do negro como submisso e passivo diante da condição de cativo, contrariando a perspectiva do negro como protagonista de sua própria história (Freitas, 2010).

Nessa premissa, ainda busca-se aguçar a responsabilidade social do profissional educador (Gomes, 2004) no que tange a desnaturalizar as desigualdades



raciais que assolam historicamente a sociedade brasileira e permeiam o campo do ensino de história. A pedagoga citada defende um ensino voltado para a pedagogia da diversidade, que visa abarcar discussões em torno do sujeito negro, na qual sua ausência corrobora para a exclusão sistemática de temas relacionados à história e à cultura negra dos currículos escolares, causando um efeito danoso na formação identitária de crianças e adolescentes pretos e pretas presentes nas salas de aula.

Numa perspectiva micro que envolva o conteúdo com a realidade local dos alunos enquanto sujeitos amazônicos, também foi pensado que as rotas comerciais percorridas por Mary Prince durante sua trajetória de escravizada, servem como ponto de partida inicial para discutir com os discentes as rotas negras vivenciadas na Amazônia do Grão-Pará. Conforme discutido por Bezerra Neto (2012) e Chambouleyron (2006), a escravidão negra no território brasileiro entre os séculos XVII e XIX era marcada pelo processo do "tráfico triangular", mobilizadas não somente pela participação isolada da Coroa, mas também pela atuação de agentes mercantilistas particulares, como exemplo a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (1755-1778), inicialmente seduzidos pela necessidade de mão de obra africana escravizada apeladas pelas autoridades coloniais da região, com a justificativa de que "seus moradores estavam interessados na introdução de negros para o serviço de suas roças e lavouras" (Bezerra Neto, 2012, p. 2).

Na logística comercial escrava mencionada, era característico a triangulação Metrópole x África x Amazônia, este último representado por Pará e Maranhão que, possuindo demandas de mão de obra, acionavam a Coroa para o início dessas atividades comerciais. Contratados pela Coroa, os comerciantes enviavam suas embarcações para iniciar as negociações em territórios da costa africana. Posteriormente, finalizados os acordos comerciais na África, os escravizados eram direcionados para as cidades de São Luís (Maranhão) e Belém (Pará), onde eram vendidos (Bezerra Neto, 2012).

Como segunda abordagem, se faz interessante fazer paralelos com o texto do pesquisador referenciado por meio de uma transposição didática, na forma que o trabalho destaca as rotas negras destinadas para Belém e Maranhão, o que aproxima o aluno do conteúdo discutido. Essas rotas comerciais discutidas no trabalho Bezerra Neto (2012) serão materializado por meio do uso da própria obra de Mary Prince,



especificamente na página 4 e 15, onde a protagonista é leiloadada, sendo obrigada a deixar casa em que cresceu e separar de sua mãe e irmãs, cena simbólica que representa a diáspora africana forçada no período da escravidão. Como visualização mais palpável, os alunos serão incentivados a fazerem a leitura de um mapa que demonstre as rotas da triangulação comercial, dando destaque para os principais países da costa africana que estavam envolvidos nessa logística, bem como abordar a identificação dos principais pontos de desembarque no Brasil dos escravizados trazidos do continente africano. A orientação do mapa, para que sua leitura seja plenamente efetivada pelos alunos, deverá ser trabalhada previamente pelo docente.

Além disso, a prática está inserida em um movimento capaz de contribuir com a desconstrução da tese do "vazio negro", segundo a qual a presença de escravizados africanos na região amazônica teria sido insignificante. Tal argumento não se sustenta à luz de pesquisas recentes baseadas nas documentações do período, que evidenciam o papel crucial da população negra africana na constituição da Amazônia. Fazendo com que localidades como Belém fossem repensadas como “cidade enegrecida” (Silva; Barbosa, 2020).

Nesse viés, a avaliação consistirá em desenvolver-se por meio de instrumentos que incentivem a reflexão crítica dos discentes a partir da combinação de métodos avaliativos. A elaboração de debates a partir de estudo da escravidão moderna, utilizando o relato autobiográfico de Mary Prince, pretende integralizar os conceitos históricos a uma perspectiva pedagógica ativa, conpenetrando nesta perspectiva, no desenvolvimento de habilidades críticas e comunicativas.

A proposta é fundamentada em uma leitura atenta do relato, complementada por um conjunto de atividades que estimulam o pensamento reflexivo e a argumentação dos discentes. O objetivo inicial é proporcionar aos alunos uma compreensão profunda do contexto histórico do tráfico de escravizados e desta forma constatar as articulações estruturais presentes no contexto escravocrata e como estas estruturas de controle consistiram em consequências sociais e culturais nas sociedades atuais, sendo sobreposto em foco o cenário amazônico.

A metodologia aplicada visa fomentar a análise docente em critérios avaliativos tanto no plano individual quanto em plano coletivo, por meio das



habilidades de argumentação e do desenvolvimento da utilização de escuta ativa apresentadas por cada aluno no decorrer do debate em sala de aula quanto pelo trabalho colaborativo realizado doravante a troca de ideias, divisão de tarefas nas organizações internalizantes da dinâmica e no desenvolvimento de suas apresentações em conjunto. A interação entre os grupos, fundamentada em evidências históricas e argumentação lógica, também é um dos pontos-chave da metodologia.

Diante das considerações formuladas, a construção dessa proposta visa não apenas articular a obra de Mary Prince e o contexto da Escravidão Moderna, mas também aproximar esses temas da realidade dos alunos, especificamente da Amazônia. Essa abordagem busca tornar a história mais próxima e significativa, rompendo com a percepção de uma narrativa distante e descolada do cotidiano dos estudantes (Cavalcanti, 2021).

Tabela 1: Usos do livro “A História de Mary Prince – Uma Escrava das Índias Ocidentais” no Ensino Fundamental - anos finais

Identificar e contextualizar o conceito de escravidão moderna, seus mecanismos e dinâmicas de comércio a partir do relato autobiográfico de Mary Prince.	(EF07HI15) Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval. (EF07HI16) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados	Análise crítica e leitura pontual de trechos que demonstram a caracterização da escravidão moderna, destacando as dinâmicas de comércio de escravizados. Numa perspectiva micro, debater com os alunos as dinâmicas de comércio de escravizados na Amazônia, destacando as rotas do tráfico negreiro. Nessa oportunidade, também será debatido as rotas de comercialização desses escravizados, demonstrando para os alunos, através de um mapa, os diversos caminhos dessas rotas de comércio, destacando o "tráfico triangular".
Compreender o contexto histórico de escravidão moderna e	Capacidade de analisar o contexto histórico e as implicações da escravidão na	Leitura e análise de trechos do relato autobiográfico de Mary Prince, discussão em sala de aula sobre o



seus impactos culturais, sociais e econômicos Identificar e refletir criticamente conexões entre a escravidão histórica e formas de exploração contemporânea; Avaliar o desempenho crítico dos discentes ao tema de escravidão dentre as formas individual e grupal.	sociedade. Leitura crítica e interpretação textual de relatos autobiográficos, analisando estruturas de controle Capacidade de Fomentar análise de relação entre passado e presente.	impacto histórico e social do comércio transatlântico de escravizados. Preparação e realização de um debate estruturado, com pesquisa e organização em grupos pequenos, onde cada grupo defende uma temática específica relacionada à escravidão com base em trechos do livro e complementos históricos. Durante e após o debate, reflexão sobre a continuidade da exploração de seres humanos e suas relações com as formas de escravidão moderna.
Indicação de leituras ao (a) professor (a)	Para saber mais sobre as Rotas Negras e o funcionamento do tráfico de escravizados	BEZERRA NETO, José Maia. <i>A escravidão negra no Grão-Pará, século XVII - XIX</i> . 2. ed. Belém: Editora Paka-Tatu, 2014. 306 p.
	Sugestão de leitura sobre o tráfico triangular.	CHAMBOULEYRON, R. (2006). Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII). <i>Revista Brasileira de História</i> , 26(52), 79-114.

Fonte: Elaborado pelos (as) autores (as).

No âmbito do Ensino Médio, a proposta pedagógica busca abordar as diversas formas de violência enfrentadas pelos escravizados, destacando as dimensões física, simbólica e psicológica, conforme apontado por Verona (2019). No âmbito da violência física, incluem-se castigos corporais e condições desumanas de trabalho. Já a violência simbólica manifesta-se pela desumanização e pela tentativa de apagamento de identidades. Por sua vez, a violência psicológica envolve o medo, os traumas e as ameaças constantes.

Paralelamente, são destacadas as redes de solidariedade entre os escravizados, que se configuravam como estratégias de apoio mútuo para resistir às violências



cotidianas (Mendes, 2015). Essas redes incluíam práticas como o compartilhamento de alimentos, os cuidados com os doentes e a proteção coletiva.

Outro aspecto relevante são as ações de negociação, que aproveitavam dimensões como as brechas nos sistemas legais vigentes, como o caso de Mary Prince na Grã-Bretanha, que utilizou recursos legais para questionar sua condição de escravizada. Além disso, os diálogos estabelecidos entre escravizados e senhores, ainda que repleto de assimetrias, eram sujeitos em prol de melhorias nas condições de vida ou mesmo a conquista da liberdade, também constituem exemplos de resistência e negociação (Verona, 2019).

Além disso, planejou-se atividades de mapeamento conceitual que ajudam a conectar as experiências do passado com situações contemporâneas (Moreira, 2012). Tais como opressão, racismo estrutural e trabalho análogo à escravidão. Nesse quadro, a proposta tenta explorar algumas das diversas características do sistema escravista atlântico, a partir do relato autobiográfico de Mary Prince, e discutir as estratégias de negociação e redes de solidariedade utilizadas pelos escravizados como meio de agenciamento próprio e exercício da autonomia visando mostrar que estes não eram passivos ao processo de escravização (Farias, 1998).

Para atingir esse objetivo, a opção por uma metodologia centrada na leitura e análise crítica do relato de Mary Prince é fundamental, destacando as passagens que descrevem as violências sofridas por ela e outros escravizados, bem como as estratégias de resistência, negociação e solidariedade por eles utilizadas. Para tanto, a proposta de ensino aqui apresentada demanda de 2 a 3 aulas distintas. Desse modo, as atividades iniciarão com uma introdução ao contexto histórico da escravidão atlântica, abordando aspectos econômicos, sociais e culturais que sustentaram esse sistema opressor. Desse modo, as atividades terão início com uma introdução ao contexto histórico da escravidão atlântica, com o objetivo de fornecer aos alunos uma base para a análise do relato de A História de Mary Prince e suas implicações. Essa introdução deverá abordar os principais aspectos econômicos, sociais e culturais que sustentam o sistema escravista, situando os estudantes no cenário histórico de forma ampla e contextualizada.



Se faz mister que a aula perpassasse pela apresentação de conceitos-chave, como o tráfico transatlântico de pessoas escravizadas, a economia de plantation e o papel das colônias no sistema mercantilista europeu. Como ferramenta deve-se utilizar recursos visuais, como mapas que ilustram as rotas do tráfico negreiro e gráficos sobre a distribuição populacional de pessoas escravizadas nas Américas, para facilitar a compreensão do alcance e da complexidade desse sistema. Na sequência, será discutido o impacto social da escravidão, destacando a desumanização sistemática das pessoas escravizadas, a violência como instrumento de controle e a estrutura hierárquica das sociedades escravistas. Nesse ponto, serão apresentados os relatos literários que exemplifiquem essas realidades, aqui entram passagens introdutórias de Mary Prince, para conectar a teoria com experiências vividas.

A cultura também será abordada, com ênfase nas formas de resistência e nas estratégias de preservação das identidades africanas. Será explorado como os escravizados reinventaram tradições culturais em novos contextos, mantendo vivas suas raízes e criando formas de solidariedade e luta contra a opressão. Essa etapa introdutória será conduzida de forma dialogada, incentivando a participação ativa dos alunos por meio de perguntas orientadoras, como: "Por que a escravidão foi fundamental para a economia das colônias americanas?" ou "Quais eram as formas de resistência possíveis no contexto da escravidão?". Ao final da introdução, os alunos serão convidados a compartilhar suas impressões iniciais e a refletir sobre a relação entre a escravidão atlântica e desigualdades que persistem na contemporaneidade. Essa base contextual será essencial para aprofundar as análises e atividades propostas nas aulas subsequentes.

Em um segundo momento, os estudantes serão organizados em grupos para realizar a leitura orientada de trechos selecionados do livro *A História de Mary Prince*. Essa atividade será estruturada para destacar e analisar as diversas formas de violência relatadas pela autora, incluindo a violência física, psicológica, sexual e social, vivenciadas por ela e por outros escravizados. Um exemplo de trecho que pode ser utilizado:

[Eu] Era surrada, açoitada e beliscada por seus dedos impiedosos, no pescoço e nos braços, do mesmo jeito que eles eram. Arrancar toda a minha roupa, me pendurar nua pelos pulsos e me deixar em carne viva com a chibata eram castigos comuns por um deslize qualquer. Além disso, não era raro a sinhá me roubar as horas de sono. Ela costumava ficar acordada até tarde da noite, às vezes até de manhã, e eu tinha de ficar sentada num banco duro, madrugada



afora, lavando roupa ou catando lã e algodão. Muitas vezes, eu caía vencida pelo sono, até ser despertada de um estado de torpor pelo chicote e forçada a retomar meus afazeres.

A coitada da Hetty, minha companheira de cativeiro, foi muito gentil comigo. Eu costumava chamar ela de tia. Mas Hetty levou uma vida pra lá de miserável, e sua morte foi acelerada (pelo menos os escravos todos achavam isso) pelo terrível castigo que ela recebeu do sinhô durante a gravidez. (Prince, 2021, p. 23).

A ideia é que cada grupo receba um conjunto de passagens previamente selecionadas, representativas das diferentes formas de opressão. Nesse sentido, pode-se usar também a seguinte passagem.

o sinhô me colocou a bordo de um saveiro cheio de outros negros e, pra minha grande felicidade, me despachou pra Ilha Turcos. Não permitiram que eu fosse ter com minha mãe ou meu pai, nem com meus pobres irmãos e irmãs, pra me despedir, ainda que, indo pra uma terra estranha, eu corresse o risco de nunca mais ver minha gente de novo. Arre, os galegos donos de escravos pensam que os negros são como bicho, sem afeição natural. Meu coração me diz que é exatamente o contrário. Passamos quase quatro semanas em alto mar na viagem, o que era um tempo fora do normal pra mim. Às vezes havia uma brisa leve, outras, uma grande calmaria e o saveiro mal se movia. Assim, as provisões logo minguaram e passaram a dar pra gente bem pouca comida e água. Eu teria morrido de fome se não fosse pela caridade de um negro chamado Anthony e de sua esposa, que tinham trazido seus próprios viveres e comparti Tharam um pouco comigo. (Prince, 2021, p. 30).

Essas passagens serão acompanhadas de perguntas norteadoras, como: "Como a narrativa de Mary Prince expõe as múltiplas formas de violência empregadas para sustentar o sistema escravista?", "De que maneira a obra reflete a interseção entre os interesses econômicos e a construção de uma hierarquia social baseada na raça e na classe?" e "Apesar do contexto de opressão extrema, quais estratégias de resistência e solidariedade podem ser identificadas na narrativa de Mary Prince?". Essas questões visam estimular a reflexão e promover discussões focadas nos detalhes do texto.

A leitura será realizada em etapas, com cada grupo discutindo suas impressões e respondendo às perguntas propostas. Durante esse processo, os alunos serão incentivados a fazer conexões entre os relatos de Mary Prince e os aspectos históricos discutidos na introdução, identificando como a violência era utilizada como uma ferramenta de controle e desumanização no sistema escravista. Para enriquecer a atividade, os grupos poderão relacionar os trechos lidos com situações contemporâneas de opressão e exclusão social, traçando paralelos com desigualdades e violências que



ainda persistem. A análise será complementada por registros em um quadro colaborativo, onde cada grupo compartilhará as principais observações e reflexões sobre os trechos trabalhados.

Após a leitura, um debate em grupo é importante, de modo a discutir sobre as diferentes formas de violência identificadas no texto e como essas se manifestam em outras situações de opressão, como as vividas por grupos marginalizados na contemporaneidade. Os alunos serão estimulados a traçar paralelos entre as redes de solidariedade e resistência construídas no contexto da escravidão e as estratégias de luta por direitos sociais no mundo atual. Sendo tal movimento uma operação estruturante para o ensino de História, onde articulação de múltiplas temporalidades subsidiam análises no presente (Bittencourt, 2008).

A avaliação desejada é aquela que se dá em caráter processual (Esteban, 2001). Nesse viés, será dividida em três etapas. Na primeira, cada estudante responderá individualmente as questões objetivas supracitadas relacionadas ao contexto histórico e às formas de violência descritas no relato de Mary Prince. A segunda etapa consistirá na realização de um debate temático em grupo, onde será avaliada a capacidade de análise crítica e argumentação dos alunos em relação aos temas abordados. Por fim, na terceira etapa, os estudantes construirão um mapa conceitual sobre as formas de violência, estratégias de resistência e suas relações com problemas contemporâneos.

Tabela 2



Tabela 2 - Usos do livro "A História de Mary Prince – Uma Escrava das Índias Ocidentais" no Ensino Médio			
Objetivo	Habilidade a ser desenvolvida (BNCC)	Metodologia	
Analisar as diversas formas de violência presentes na escravidão atlântica, e discutir as estratégias de negociação e redes de solidariedades utilizadas pelos escravizados a partir do relato de A História de Mary Prince.	(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.	Leitura e análise crítica do relato autobiográfico de Mary Prince, destacando as passagens que descrevem as violências sofridas e as estratégias de solidariedade. Debates em grupo sobre as diferentes formas de violência e como elas se manifestam em outras situações de opressão, traçando paralelos com questões contemporâneas.	
Método avaliativo:	Avaliação 1	Avaliação 2	Avaliação 3
	Questão discursiva:	Debate temático:	Construção do Mapa Conceitual:
	Avaliar o entendimento básico do contexto histórico da escravidão atlântica e a identificação das diferentes formas de violência descritas no relato de Mary Prince.	Os alunos discutirão as experiências do relato de Mary Prince e suas relações com situações de opressão contemporâneas. O debate será orientado por questões-problema e estimulará o desenvolvimento de habilidades argumentativas e reflexivas. Critérios: capacidade de análise crítica, participação ativa e respeito às ideias dos colegas.	A última etapa da avaliação ocorrerá em uma terceira aula, onde os estudantes construirão um mapa conceitual que sintetize os conteúdos abordados ao longo das aulas. O mapa conceitual deverá abordar as formas de violência, estratégias de resistência e suas relações com questões contemporâneas. A avaliação considerará a clareza, organização e profundidade das conexões estabelecidas no mapa conceitual.

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as)

Essa atividade poderá ser realizada individualmente ou em grupo, estimulando a organização e sistematização do conhecimento adquirido durante as aulas. Essa abordagem visa desenvolver nos estudantes uma compreensão crítica sobre o impacto das opressões do passado e suas conexões com problemáticas contemporâneas.

Com essa proposta, espera-se que os estudantes desenvolvam habilidades críticas e reflexivas, compreendendo o impacto das opressões históricas e estabelecendo conexões com a atualidade. A análise do relato de Mary Prince, junto com as discussões

Tabela 2 - Usos do livro "A História de Mary Prince – Uma Escrava das Índias Ocidentais" no Ensino Médio		
Indicação de leituras ao(a) professor(a):	Para compreender as diversas formas de resistência para além da física, os usos dos aparatos estatais para construção da liberdade.	SILVA, Marley Antônia Silva da. Cap. IX - Forjando liberdade: africanas e suas descendentes em Belém (1738-1785) . In: Diversidade linguística, cultural e relações étnico-raciais em contextos de formação. NASCIMENTO, Damiana Barros do; SILVA, Robervânia de Lima Sá; COSTA, Tamara Cristina Penha da; NEVES, Miranilde Oliveira; SUZUKI, Júlio César Suzuki [Org]. São Paulo, 2022.
	Para entender as estruturas do tráfico de escravizados no decorrer dos séculos	CALDEIRA, Arlindo Manuel. Escravos e traficantes no Império português: o comércio negro português no Atlântico durante os séculos XV a XIX . Lisboa: Esfera dos Livros, 2012



em grupo e a produção do mapa conceitual, proporcionará uma experiência educativa enriquecedora, que transcende o conhecimento histórico e contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados com questões sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo versa sobre o uso do livro “A História de Mary Prince – Uma Escrava das Índias Ocidentais” como ferramenta pedagógica para o ensino de História considerando seu caráter histórico e literário, proporcionando reflexões sobre a escravidão moderna, resistência, negociação e as múltiplas formas de violência vividas por pessoas escravizadas. Por meio de propostas didáticas elaboradas ao longo do artigo, buscou-se evidenciar que a narrativa autobiográfica de Prince pode ser um recurso valioso no processo de compreensão das complexas relações de poder, opressão e resistências operadas no passado, ao mesmo tempo em que reflete sobre as desigualdades sociais que ainda persistem no presente.

A análise histórica e literária do relato enfatizou a importância de ampliar a potência vocal de sujeitos historicamente marginalizados, promovendo uma abordagem mais humanizada e empática no ensino de História. Essa perspectiva vai ao encontro dos objetivos da Lei 10.639/2003 e das diretrizes da BNCC, que buscam consolidar um currículo escolar inclusivo, representativo e comprometido com a valorização da história e da cultura afro-brasileira. Ao incluir narrativas como a de Mary, rompe-se com a tradição de um ensino centrado nas grandes figuras (geralmente políticos, homens e brancos) e eventos, abrindo espaço para histórias “vistas de baixo”, que trazem à tona as vivências e experiências de diversos grupos.

As propostas pedagógicas, voltadas tanto para o ensino fundamental quanto para o médio, foram estruturadas para fomentar competências críticas e reflexivas. Através de atividades como leitura, análise crítica, debates e mapeamento conceitual, os alunos são incentivados a reconhecer conexões entre o passado e o presente, compreendendo como as estruturas de opressão moldaram e continuam a influenciar as dinâmicas sociais contemporâneas, contudo, sem negligenciar processos como negociações e resistências. Essas estratégias também reforçam a importância de uma



prática educativa que promova a cidadania ativa, o respeito à diversidade e o combate a preconceitos estruturais.

O uso da literatura no ensino de História, como demonstrado neste trabalho, é uma abordagem enriquecedora e necessária para fortalecer o letramento crítico e construir uma educação mais significativa. Além de proporcionar aos estudantes uma compreensão mais aprofundada do passado, ações como essa incentivam a reflexão sobre a sociedade atual, promovendo o desenvolvimento de cidadãos conscientes, empáticos e engajados na luta por justiça social.

Portanto, conclui-se que propostas de ensino que se valham de obras como a de Mary Prince no currículo escolar não apenas enriquece o ensino de História, mas também tem o potencial de fortalecer a formação ética, política e social dos estudantes. Este trabalho reafirma o papel central da educação na construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde a compreensão do passado auxilia no processo de transformação do presente e projeção de um futuro mais humano e inclusivo.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M.; LUDKE, M. **A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Editora EPU, São Paulo, 1986.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 20 dez. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 29 dez. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 12.021, de 16 de maio de 2024**. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Diário Oficial da União, Brasília, 17 mai. 2024.

Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Decreto/D12021.htm>. Acesso em: 20 dez 2024.



BEZERRA N. **Escravidão negra no Grão-Pará**: sec. XVII-XIX. Belém; Paka-Tatu. 2001.

BITTENCOURT, C. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CAVALCANTI, E. A história sem presente e o ensino sem futuro: representação do tempo no ensino de História pelos alunos da Educação Básica. **TEMPO E ARGUMENTO**, v. 13, p. 1-28, 2021.

CHAMBOULEYRON, R. Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII). **Revista Brasileira de História**, 26(52), 79-114. 2006.

COELHO, M. Que enredo tem essa história? A colonização portuguesa na América nos livros didáticos de história. In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Livros didáticos de história**: entre políticas e narrativas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. p. 185-202.

DI NUCCI, E. Letramento: algumas práticas de leitura do jovem do ensino médio. **Psicologia escolar e educacional**, v. 6, p. 31-38, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/dWVZTm7rF34W8Zb83bX6dJk/>. Acesso em: 20 dez 2024.

ESTEBAN, M. A avaliação no processo ensino/aprendizagem: os desafios postos pelas múltiplas faces do cotidiano. **Revista brasileira de Educação**, p. 129-137, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/LzrRLxY6MqFdv5cs8JqRK8z/>. Acesso em: 20 dez 2024.

FARIAS, S. “Viver escravo – diversidade”. In: **A Colônia em movimento**: fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 289-354.

FREITAS, P. **A lei 10.639**, o ensino de história e a cultura afro-brasileira. OPSIS, Catalão, v. 10, n. 1, p. 15-28, jan-jun 2010.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 454p.

GINZBURG, C. **O Queijo e Os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, M.; BARBOSA, B. “A ‘cidade enegrecida’: escravizados na Belém do Grão-Pará colonial”. *Revista de Estudios Brasileños*, vol. 7, no 14 (2020), pp. 109-122.

GALVÃO, M. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. Fundamentos de epidemiologia. 2 ed. A, v. 398, p. 1-377, 2010.



GOMES, N. Práticas pedagógicas e questão racial: o tratamento é igual para todos/as? In: **Pluralidade cultural e inclusão na formação de professores e professoras**: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004. (Série Educador em formação). p. 80-138.

LIBÂNEO, J. **Didática**: teoria da instrução e do ensino. Cortez, 1994.

LUCINI, M. Ensino de História e formação para a cidadania: reflexões sobre a intencionalidade no ensino de História como elemento de formação histórica, política e cidadã. In: CERRI, Luis Fernando. (org.). **Os jovens e a História**: Brasil e América do Sul. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2018.

MAIA, L. Plano de curso: Prática Curricular Continuada V - Ensino de História e Linguagens: Literatura e Mídias. Belém: Universidade Federal do Pará/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Faculdade de História, 2024.

MENDES, C. Redes de solidariedade, associativismo e liberdade nas associações beneficentes negras do Rio de Janeiro no século XIX. In: **XXVIII Simpósio nacional de História**. 2015, Florianópolis-SC. Ars Historica, n. 1, p. 119-131, 2015.

MAZZOTTI, A.; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. Editora Pioneira, São Paulo, 1999.

MOREIRA, M. Mapas conceituais e aprendizagem significativa. Aprendizagem significativa, organizadores prévios, mapas conceituais, digramas V e Unidades de ensino potencialmente significativas, v. 41, p. 1-14, 2012.

PRINCE, M. **A história de Mary Prince**: uma escrava das Índias Ocidentais. Tradução de Alexandre Camaru. São Paulo: BMH, 2021.

SILVA, M.; BARBOSA, B. A “cidade enegrecida”: escravizados na Belém do Grão-Pará colonial. **Revista de Estudios Brasileños**, v. 7, n. 14, p. 109-122, 2020.

SMITH, S.; WATSON, J. **Reading Autobiography**: A Guide for Interpreting Life Narratives. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.

STEEDMAN, C. **The Tidy House**: Little Girls Writing. London: Rivers Oram Press, 1992.

VERONA, P. O negro enquanto sujeito na História da Educação: as contribuições de uma nova abordagem historiográfica e uma perspectiva de análise para o estado-nação imperial. **Revista de História e Historiografia da Educação**, v. 3, n. 9, p. p. 3–28, 2019. DOI: 10.5380/rhhe.v3i9.68611. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/68611>. Acesso em: 29 dez. 2024.